

A detailed illustration of the Nativity scene. Mary, in a blue robe and white veil, sits on the left holding the infant Jesus. Joseph, with a grey beard and green tunic, stands behind her. To the right, three kings in ornate robes stand near a manger. A white lamb stands in the foreground. In the background, a donkey and ox look on, and an angel flies in the sky above a cityscape under a star.

ANO LXXIV Nº 364
JULHO/DEZEMBRO 2022
SEMESTRAL
Diretor: P. Dário Pedroso SJ
GRATUITO

GRAÇAS DO PADRE CRUZ SJ

PRECES PARA UMA NOVENA



Deus infinitamente misericordioso que desceste do Céu à terra para ser a salvação e o modelo de todos os homens; Vós que dis-sestes: Pedi e recebereis, procurai e encontrareis, batei e abri-se--vos-á, pelos méritos e intercessão do Vosso servo P. Cruz que, perfeito imitador Vosso, abrasado em caridade, passou igualmente pela terra a fazer bem: consolando os aflitos, socorrendo os necessitados, visitando os pobres e encarcerados e convertendo os pecadores.

Concedei-nos a graça de imitar as suas virtudes, principalmente o seu espírito de oração e união com Deus, o espírito de fé viva, de esperança firme e de amor ardente, a devoção filial à SS.ma Virgem, o zelo pela salvação das almas e o horror a tudo o que desgoste o divino Espírito Santo e nos torne menos dignos da Sagrada Comunhão. Concedei-nos em particular a graça de... se for para honra Vossa, para bem das nossas almas e glória do vosso Servo. Assim seja.

Pai Nosso, Avé Maria e Glória.

Bondoso Padre Cruz, rogai por nós!

Oração

Senhor Jesus Cristo, que dissestes: Se não vos tornardes como pequeninos, não entrareis no reino dos céus, olhai para a humildade e simplicidade com que o Vosso servo Francisco procurou a glória divina e o bem temporal e sobrenatural dos humildes, e dignai-Vos glorificar o Vosso discípulo fiel com a auréola da santidade, se isso for da Vossa maior glória.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

Assim seja.

Nota: Estas preces destinam-se a devoção particular.
Evite-se cuidadosamente tudo o que pareça culto público.

Índice :

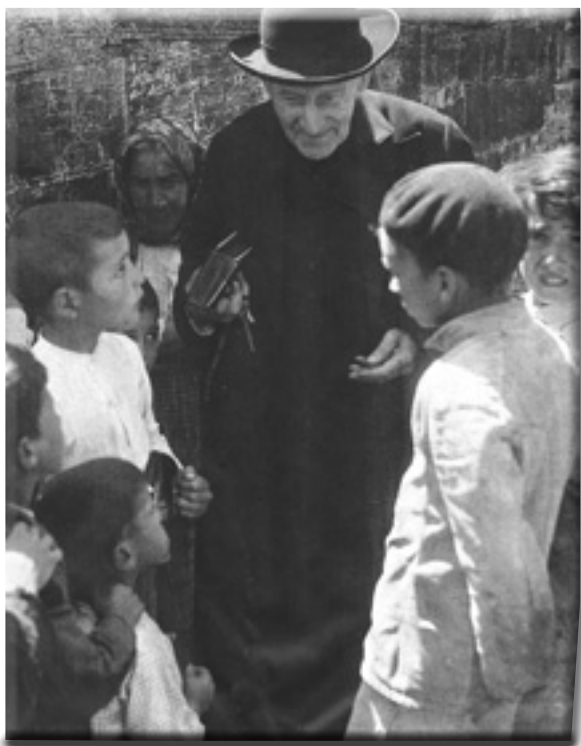
Abertura	pág. 26
Dia 1 de outubro - agradecimento	pág. 28
Duas vezes preso	pág. 29
Perigos.....	pág. 31
Alegria	pág. 33
Não vales mais que dez tostões!.....	pág. 40
Deram Esmola e Agradecem Graças	pág. 44
Campanha de Missas	pág. 48

Estatuto Editorial:

A revista "Graças do Padre Cruz SJ" é propriedade da Causa de Beatificação e Canonização do Servo de Deus Padre Francisco da Cruz SJ.

A revista "Graças do Padre Cruz SJ" é uma publicação católica, que visa a divulgação da vida e obra do Padre Francisco da Cruz, sacerdote jesuíta.

A revista "Graças do Padre Cruz SJ" compromete-se a assegurar o respeito pelos princípios deontológicos e pela ética profissional dos jornalistas, assim como pela boa fé dos leitores.



ACOLHER JESUS EM CADA CRIANÇA

O nosso Padre Cruz, tão amigo das crianças e com tanto jeito e gosto de as levar para Jesus, nos ensinará e ajudará a preparar o Natal, pensando nas

crianças, nos “cristos” que nascem todos os dias e que necessitam de amor e carinho. Só assim haverá Natal.

Os nossos cristos, os nossos meninos e meninas precisam de mais amor, de mais atenção, de mais carinho, de mais ternura, mesmo que não possam ter mais dinheiro, mais brinquedos, mais peças de roupa de marca. Deixemos que as nossas crianças cresçam na paz e no amor, deixemo-las viver a alegria sã da sua meninice, deixemos sorrir seus lábios, florir seus olhos. Ensinemo-las a dar, a repartir, a não serem egoístas e serem ao jeito do Menino de Belém. Procuremos que as nossas crianças saibam quem foi o Menino, que gostem d’Ele, que Lhe ofereçam uma prenda neste tempo de Natal. Com as nossas crianças construamos o presépio, com ternura e carinho, com encanto e beleza, com simplicidade e “ingenuidade” evangélica.

Demos aos **meninos dos nossos presépios**, o aconchego, a ternura, o amor que Maria e José, deram ao Deus Menino no presépio de Belém.

Demos aos **meninos dos nossos presépios**, a possibilidade de viverem, de crescer em sã harmonia, sem fome e com carinho.

Demos aos **meninos dos nossos presépios**, muito do que nos sobra em casa e não nos faz falta, e pode ser amparo, ajuda, semente de felicidade.

Demos aos **meninos dos nossos presépios**, um sorriso acolhedor, meios de higiene e de alimentação, mais paz e mais calor humano.

Demos aos **meninos dos nossos presépios**, um acolhimento sadio, um ambiente festivo, a alegria de festejarmos mais uma vida.

Demos aos **meninos dos nossos presépios**, toda a ajuda ao nosso alcance, movendo leis e governos, para que tenham o que é justo à dignidade duma criança.

Demos aos **meninos dos nossos presépios**, a certeza dum futuro com paz, com pão, com amor, sem violência nem ódio.

Celebrems o Natal a pensar, a rezar, a repartir pelos meninos e meninas que não têm ambiente, condições de verdadeiro Nascimento do Deus Menino. E não deixemos de encantar as nossas crianças pelo presépio e não só pelas prendas, pelas árvores de Natal, pelo pai natal. Vivamos o nosso Natal com o coração aberto a todos os cristos que precisam e têm direito ao nosso amor.

P. Dário Pedroso, s. j., Vice-postulador

**Agradecemos que sejam apóstolos desta revista.
Arranjem assinantes ou ofereçam assinaturas.
Obrigado!**





Dia 1 de outubro

Caro leitor e amigo, assinalou-se no dia 1 de outubro o aniversário de falecimento do Padre Cruz. A Causa de Canonização do Padre Cruz não quer deixar de agradecer a presença de todos os devotos que ali se deslocaram e participaram nesta celebração.

A capela do Cemitério de Benfica foi pequena para acolher tantas pessoas na Missa celebrada pelo Vice-postulador da Causa do Padre Cruz, P. Dário Pedroso, sj. Vieram de vários sítios do país, um grupo de Valongo, outro de Viseu, Beja e de tantos outros locais de Portugal. Também do estrangeiro, uma devota da Austrália, aproveitando a sua passagem por Portugal, não se esqueceu do Padre Cruz e ali foi rezar junto ao Jazigo. Dia 29 de julho, aniversário de nascimento do Padre Cruz, estiveram também presentes devotos vindos do Canadá, França, Espanha e Suíça. Nestes dias, centenas de devotos se deslocam ao cemitério de Benfica, em Lisboa, ao Jazigo da Companhia de Jesus onde está sepultado o Padre Cruz, para rezar, fazer os seus pedidos, agradecer graças recebidas. Sinal claro da devoção que perdura.

O Vice-Postulador da Causa do Padre Cruz quis agradecer e oferecer a quem assistiu à Missa uma pagela com a relíquia do Servo de Deus Padre Cruz, para devoção e uso pessoal ou levar para oferecer a amigos também devotos do Padre Cruz.

Gratos pela presença de todos, continuemos a rezar e a pedir a Beatificação do Padre Cruz.

O Vice-Postulador da Causa do Padre Cruz



Do livro *Assim Falou o Padre Cruz*, escrito pelo P. José Leite, sj apresentamos uma entrevista feita ao “Senhor Dr. Cruz”. Aqui, pode ler episódios ocorridos com o Padre Cruz e relatados pelo próprio nesta entrevista, aquando da perseguição religiosa que sofreu e que atesta o seu carácter forte, corajoso e generoso, de Fé inabalável.

Outro retrato, este publicado em “Florinhas Apostólicas”, vem mais uma vez confirmar-nos a bondade e generosidade do Servo de Deus.

DUAS VEZES PRESO

- Nos primeiros anos da República foi muitas vezes apupado?
- Não me lembro. Só me lembro de ouvir dizer que certa ocasião estavam alguns preparados para isso, mas um os acalmou dizendo: É o P. Cruz.

- Com Afonso Costa nunca falou?

- Falei. Fui a uma terra perto de Torres Novas, onde havia um regedor muito mau, que intimou o prior a mandar-me embora, porque não queria mais padres na freguesia. Eu ia em serviço religioso. Tive de me retirar e vim com guarda para Lisboa. Este guarda tratou-me muito bem. Ao chegarmos já de noite, disse-me que o Ministério da Justiça estaria fechado e que portanto tinha de ir dormir para o Governo Civil. Mas fomos tentar. Vindo do Rossio, passámos pela igreja do Sacramento, onde estava o sagrado Lausperene. Tive desejo de entrar na igreja, mas como ia sob prisão, não podia. Prometi, se encontrasse o Ministro e me desse liberdade, voltar logo visitar Nosso Senhor.

Anunciaram-me no Ministério:

- Aqui está um padre que veio preso.



- Ele que vá para casa e volta cá amanhã às 11, respondeu Afonso Costa.

Fui logo ao Lausperene.

No dia seguinte, apresentei-me no Ministério.

Afonso Costa perguntou-me:

- É doutor de Coimbra ou de Roma?

- De Coimbra.

- Vá-se embora, mas não volta àquela freguesia sem minha ordem.

Não me maltratou. E não faltou no Ministério quem me aconselhasse rasgar algum papel comprometedor que tivesse, pois naturalmente me revistariam. De facto, tinha uma carta escrita por um jesuíta, o P. Francisco Pereira. Agora tenho ido aos Ministérios e os próprios ministros me beijam a mão.

Outra vez, fui ao Limoeiro visitar os presos, como era meu costume. Estava lá incommunicável um amigo meu, Dr. Fiel Viterbo. Mas sempre lhe bati à porta:

- Doutor, precisa de alguma coisa?

Um carbonário ouviu e fez denúncia ao Ministério da Justiça, que repreendeu o Director por permitir andar um padre a falar com conspiradores.

Da vez seguinte que lá fui, quando ia a sair, disseram-me:

- O Senhor Director deixou ordem que não saísse sem falar com ele.

Esperei, esperei, até que veio a noite. Disse então:

- Ele já não virá.

- Ah, tem de esperar.

Fiquei lá aquela noite mais oito! Depois fui chamado *a Secretaria e contei a pergunta que tinha feito e que faria a qualquer pessoa, muito mais a um amigo.



O Director mandou-me embora, dizendo que não pagava carceragem nem ficava lá o meu nome...

O advogado Dr. Mário Monteiro queria processá-lo, mas eu não deixei. Passei lá três dias notáveis: Sagrado Coração de Jesus, S. João Baptista e domingo aniversário da minha Missa Nova.

- Passou esses dias incommunicável?

- Disso é que tive pena. Se estivesse com os outros, fazia propaganda religiosa.

PERIGOS

Em Beja, indo pregar o Apostolado da Oração, um ano antes da República, correu que estava lá um jesuíta. Acabado o trabalho, voltei para Lisboa. Procuraram-me até nos gavetões da sacristia e na torre, mas já tinha saído.

Em Baleisão, no mesmo ano, saí da igreja e encontrei uns homens a trabalharem no cemitério. Um, mal encarado, disse mesmo ao meu lado:

- Isto é atirar-lhe com quem atira a um lobo, Ladrões!... andam a roubar o povo.

Até os outros operários me defenderam. Dirigi-me em seguida para casa do prior, que tinha ido a outra terra. Encontro uma multi-



Manifestação anticlerical, Lisboa, 1912

dão de homens com pedras na mão para me atirarem. Pedi a Nosso Senhor a sua divina protecção. Passei por meio deles e não me fizeram mal.

Assim Falou o Padre Cruz, P. José Leite, sj, pp. 23-26 e pp. 27-28.





Era nos tempos da perseguição religiosa. Quase todas as igrejas dos arredores de Lisboa tinham sido encerradas e os sacerdotes expulsos das povoações. Nenhum ministro do Senhor se atrevia a ir aquelas terras infelizes pois eram perseguidos como lobos.

Um dia o Rev. Dr. Cruz, vestido com a sua batina lá foi a uma dessas terras.

O rapazio, ensinado pelos maus, assim que viu ali um sacerdote, cercou-o gritando: Olhem um Jesuíta! Olhem um jesuíta! O bondoso Missionário com um sorriso nos lábios chamou os pobres garotos, acarinhou-os, levou-os a uma padaria, comprou uma porção de pão, que distribuiu por eles e disse-lhes: Meus queridos meninos, quando eu cá voltar, chamem-me outra vez jesuíta, porque eu gosto muito que me chamem jesuíta. E assim a bondade deste verdadeiro discípulo de Cristo conquistou a simpatia e a confiança daquelas pobres crianças e daquela população que vivia sentada nas trevas do erro e nas sombras da morte. Disse S. Francisco de Assis: *O mal ou se cura com o bem ou fica irremediável.*

De “FLORINHAS APOSTOLICAS”

Episódios edificantes da vida do Rev.do Dr. P. Francisco Rodrigues da Cruz.^a Edição) Pág.21.



ALEGRIA

Um escritor ascético não hesitou em afirmar: «A alegria, eis todo o Evangelho»!

Por conseguinte, não fica mal aos cristãos, fica até muito bem, a alegria.

O Padre Cruz era alegre. Nem admira que o fosse. Diz S. Tomás que «o sinal distintivo daqueles que chegam ao perfeito amor de Deus é uma alegria habitual, ingénua, tão particular, tão constante e tão cheia de abandono e de simplicidade, que os mundanos a não compreendem. Mas, quando se entra na sua intimidade, não tarda a compreender-se que a sua disposição alegre, e mesmo o seu exterior afável, não vêm dos acontecimentos, nem das pessoas que os rodeiam, mas das profundezas da sua alma, duma alma que a tempestade



não pode perturbar, porque eles estabelecem a sua vida sobre um fundamento inabalável que os elementos não podem atingir. Estas almas santas não têm nada a temer do lado de Deus: estão em paz consigo mesmas; então como é que não hão-de estar contentes?»

Era assim a alegria do Padre Cruz; não dependia dos dias de sol, na natureza ou na vida. A alegria era para ele o estado de graça: a amizade com Deus. Esta alegria pura e serena atraía-lhe as crianças, em afinidades misteriosas de simpatia e candura.

São numerosas as fotografias do Padre Cruz com sobrinhos-netos ao colo, ou crianças que lhe não eram nada e os pais lhe depunham nos braços ou agrupavam à sua roda, como se tirar o retrato com o Padre Cruz fosse uma garantia de felicidade.

Algumas dessas fotografias fazem pensar num Santo António velhinho com o Menino! Noutras, faz sorrir o gesto desajeitado com que ele aconchega a si o pequenino no regaço, sem largar o Breviário e o Terço.

Nunca as crianças o enfadaram. «Deixai vir a mim os pequeninos». As crianças acorriam ao seu encontro, como outrora, em Nazaré, ao encontro de Jesus. E ele, como Nosso Senhor, afagava-as e abençoava-as.

Se elas riam, ria com elas, mesmo quando riam... um bocadinho à sua custa!



Com família de Dr. Domingos Fernandes, Guimarães, 1946

Um amigo foi visitá-lo com um filho pequeno. Já então o Padre Cruz tinha mais de 80 anos e usava, em casa, um barretinho de pano preto. Ora, naquela ocasião, o diro barretinho, que tinha sido colocado com uma parte dobrada, não encaixou na cabeça e ficou encarrapitado! «O meu filho achou graça, o que foi o suficiente para o bom velhinho rir, rir e rir bastante, e quanto mais o pequeno se ria de o ver rir, mais ria também, cada vez mais prazenteiro».

Quando falava às crianças, costumava pedir-lhes com um sorriso: - Estejam quietinhos... se puderem!

Não se impacientava com as suas traquinices.

«Quando ouvia a chilreada dos pequenos a rir e a brincar, dizia: Aqui reina a santa alegria!»

Mas não eram só as crianças que a sua doce alegria conquistava.

Um ilustre diplomata e escritor fala-nos assim da sua alegria: «... Mais do que a auréola de sacrifício que sublima essa fronte habituada a inclinar-se sobre as desventuras, o que doira, circunda, ilumina de esplendor o pergaminho desse rosto, consumido pelo espírito, é a alegria que ele respira. O seu olhar sorri em cada gesto. A imensa poesia de felicidade canta em cada acento da sua voz...» E ao contemplar «a alegria que o envolve, a serenidade que dele emana, a bondade que como uma flor, perfuma os seus gestos lentos», Augusto de Castro compreende que «só o Ideal vence a Vida»! E confessa que muitos grandes deste mundo se têm sentado a seu lado... mas nenhum jamais lhe fez sentir aquele «imenso apaziguamento que desceu como um bálsamo sobre ele».

É que, talvez, nunca Deus lhe tenha estado tão próximo!

O Padre Cruz, que levava a alegria consigo, não se enfadava também com a alegria dos outros.



Com menina, sem data



Numa família onde era recebido com grande amizade, quando via aí raparigas da casa muito alegres, rindo e ouvindo a telefonia, aproximava-se, sorrindo: - «Santa alegria, minhas filhas! Mas venham cá». Levava-as a uma janela donde se avistava a capela



30 de junho de 1947

e, ajoelhando com elas, apontava-lhes a casa de Deus.: - «Não se esqueçam que está ali Nosso Senhor. Façamos-Lhe uma visitinha espiritual e rezemos uma Ave-Maria». Levantava-se, deva-lhes a bênção e dizia que continuassem: - «Gosto de as ver alegres!»

Na alegria como na tristeza, Deus estava-lhe sempre presente e não queria também que os outros O esquecessem.

Não gostava de ver ninguém triste. Repetia logo as palavras de S. Francisco de Sales: «Um santo triste é um triste santo».

Ele bem sabia que a tristeza, escurecendo o coração, deixa mais fácil entrada ao espírito das trevas.

Mas há alegria e alegria.

A alegria que ele possuía e desejava aos outros não era a alegria dos gozadores (que, fartos de alegrias, sentem a falta da verdadeira alegria); era a alegria dos verdadeiros discípulos de Cristo.

A sua alegria não era a alegria fictícia dos mundanos que, ao entrarem em casa, crispam a boca que há pouco sorria e descem a viseira do seu mau humor.

«Na intimidade, junto da sua família, conservava sempre boa disposição de espírito, uma doce paz», diz um dos seus sobrinhos.

D. Lucinda da Cruz Alves, também sua sobrinha, refere que ouviu contar a sua mãe que, «já em rapaz, apesar de educação no temor de Deus, era muito alegre. Tocava viola com muito agrado de todos que o ouviam, acompanhando a música com canções; tinha uma bela voz e muito bem entoada. A sua conversa era alegre e expressiva, sendo também um pouco irónico, com certa graça. Tinha pelos seus pais particular dedicação e carinho, e em férias só dava alegria; a sua boa disposição era comunicativa».

Pela vida fora, até à mais adiantada velhice, nunca perdeu a alegria, e esta transformava-se num dom de simpatia, que o ajudava a levar as almas para Deus.

Era alegre, porque a alegria lhe brotava do fundo da alma, onde Deus habitava; como não havia, então, essa alegria de ser igual e constante, se Deus estava sempre com ele?

O seu convívio era muito agradável. Vivo e espirituoso, tinha saídas com muita graça e ria ele próprio às gargalhadas, quando ouvia contar coisas engraçadas. No convívio com os colegas era agradável até ao extremo, procurando aproveitar as mínimas particularidades para se mostrar satisfeito entre todos. Contava com muita graça e edificante naturalidade coisas da sua vida passadas, provocando até franco riso» (Padre Francisco Fernandes de Freitas).

Mas a sua alma, se assim descia inocentemente até à terra, logo de novo se erguia. Sabia ser humano sem nunca deixar de ser santo. E era este misto de natural e sobrenatural que lhe ganhava a estima e o respeito de todos que com ele conviviam.

Não são apenas amigos os íntimos que nos falam da sua alegria «Pelo aspecto sempre alegre e plácido que apresentava, pela sua extraordinária serenidade, dir-se-ia que aquela alma vivia sempre num mar de santa alegria», diz o Arcebispo-Bispo de Aveiro [D. João Evangelista de Lima Vidal].

E conta que ouviu dizer ao Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, D. António Mendes Belo, que o Reverendo Padre Francisco da Cruz, não obstante sofrer como ninguém pelas aflições da Igreja durante o tempo da perseguição, lhe parecia sempre o homem mais feliz do mundo».



E era!

«Somente é feliz quem tem Deus no coração e constantemente o coração em Deus», costumava ele dizer, servindo-se das palavras de Santo Inácio de Loiola.

E poderia repetir também com a Irmã Isabel da Santíssima Trindade: «Encontrei o céu sobre a terra, porque o céu é Deus, e Deus esta comigo!»

«Alegrai-vos, mais uma vez vo-lo digo, alegrai-vos!» (Fil. 4, 4-6). Estas palavras do Apóstolo ecoavam no seu coração. E se o Padre Cruz conhecesse tão bem os poetas como os santos, com certeza lhe agradariam estes versos de António Correia de Oliveira:

Ó coração, coração,
Vive cheio de alegria.
Seja a alegria o teu pão,
Doce pão de cada dia,
Coração!
Boa alegria te ajude,
E a vida não custa nada:
Pois alegria é saúde,
É virtude
Perfeição,
Filha de Deus muito amada,
Coração!



O “Santo” Padre Cruz, Maria Joana Mendes Leal,
8ª Edição, pp. 89-93.



*Desejamos a todos os Amigos do
“Santo” Padre Cruz e suas Famílias,
um Santo Natal e abençoado Novo Ano 2023,
com as bênçãos de Deus Menino.*

*O Vice-Postulador da Causa de Canonização do Padre Cruz
P. Dário Pedrosa, s.j.*



“Não vales mais que dez tostões!”

Conta quem assistiu à cena que uma vez o Padre Cruz passou por uma banca de quinquilharias e viu bilhetes postais com o seu retrato. Não resistiu e foi perguntar à vendedeira por que é andava a vender «des-sas coisas», ao que ela respondeu:

– Que hei de eu fazer? É o meu negócio!

– Então por quanto vende cada um?

– Ah! Isto é baratinho. Só custam dez tostões cada um!

O bom do padre, sem mais dizer, seguiu caminho a repetir consigo mesmo – «não te esqueças, Padre Cruz, não vales mais que dez tostões!» (Depoimento de Cónego José de Freitas, Portalegre, 1980).

De algum modo pode dizer-se que o Padre Cruz nunca se esqueceu de que não valia mais que dez tostões. Desde cedo pressentiu isso mesmo e, quanto mais avançava na idade, com tudo o que a vida nela lhe ia ensinando, mais a si mesmo repetia, convicto, que «o homem começa a valer alguma coisa quando está persuadido que não vale nada».

Este desejo de desprendimento de si mesmo ficou logo evidente na confissão geral que o jovem Francisco fez nos seus primeiros Exercícios Espirituais, em setembro de 1880, mal tinha acabado a faculdade. Numa das notas que então rabiscou, com aquela letrinha pequenina, ligeiramente inclinada, escrita a esmo em tudo o que é papelinho, lê-se: «Meu bom Jesus, ajudai-me a desconfiar sempre de mim: convosco tudo posso fazer de bem, sem Vós nada».



Foi nesta escola de humildade que o estudante e futuro padre se foi deixando moldar, numa atitude simples, sem dissimulação, evangélicamente pequenino, sem desejos de agradar nem receios de desagradar. Não admira que, no curso da sua longa vida, o Padre Cruz fosse indiferente ao que dele pensassem os homens. Pois bem sabia que os míseros tostões que porventura valesse eram só de Deus. Como ele repetia: «Só a Deus toda a Glória!»

O Padre Crawley, que conheceu de perto o Padre Cruz durante os largos anos em que a sua congregação dos Sagrados Corações esteve responsável pelo Seminário Maior do Patriarcado, ficava sempre edificado com aquele exemplo de humildade em carne e osso. A sobrinha Lucinda conta que, quando ele ia visitar o tio que estava doente, era sempre uma cena digna de se ver: «Disputavam, entre si, comovidamente, qual seria o primeiro a ajoelhar-se para pedir a bênção, abraçando-se finalmente, com uma ternura de verdadeiros irmãos em Cristo, numa santa humilhação.» (Depoimento de Dr. Elmano Augusto da Cruz Alves, Lisboa, 1952).

Foi com esta mesma humildade que, nos seus últimos dias de vida, o Padre Cruz pediu à Irmã Marina, sua enfermeira, que o abençoasse: «Dê-me a sua bênção, Irmã, que como religiosa que é pode-ma dar!» (Depoimento de Ir. Marina Babarro Arias, Lisboa, 1950).

Esta humildade entranhada, própria de um homem “possuído de Deus”, foi a cara do Padre Cruz. Com ela abalou a crosta de muitas vaidades, desmontou outras tantas pretensões, mas sobretudo desarrou a autossuficiência que tende a abundar na condição humana que é a nossa.



Foi esta mesma humildade que fez dele um homem sempre grato, pois se achava eternamente devedor de tudo, sobretudo a Deus. Era comum ver o Padre Cruz a agradecer efusivamente qualquer atenção que tivessem para com ele. Agradecia tudo, desde as mais pequenas atenções aos gestos mais generosos. Tudo lhe parecia desmedido e a todos sentia que devia reconhecimento. Agradecia ao médico os cuidados que tinha com ele, agradecia aos que lhe davam guarida no seu peregrinar constante, agradecia os donativos que lhe confiavam e nunca esquecia os benfeitores a quem escrevia pessoalmente. São inúmeras as cartas e postais escritos à irmã Isabel e a outros que testemunham este agradecimento permanente pelas esmolas que os benfeitores lhe confiavam. Como ele costumava dizer: «Quando o coração transborda, os lábios não podem calar!» (Carta à Irmã Isabel, 23-2-1936).



Solar do Arco,
Braga, 1933

A sua encantadora humildade conquistava quem ouvia a sua pregação, por ser piedosa e simples, direta aos corações. Foi isso que impressionou o escritor Agostinho de Campos, quando ouviu pela primeira vez um sermão do Padre Cruz na igreja da Madalena em Lisboa. Não obstante os seus 68 anos e a sua linguagem desataviada, o escritor achava que aquele padre tinha «por todo esse país uma

influência moral mais forte que a de nenhum político, general ou sábio» (Depoimento de Margarida de Lemos Coelho de Magalhães, Porto, 1954).

De algum modo, percebe-se que os sermões do Padre Cruz, sendo tão terra a terra e sem nenhuma retórica, arrebatassem quem os ouvia. Porque eram sermões de quem, não lendo jornais nem sabendo nada de política, sabia que havia almas cheias de dores, sabia que havia pobres, doentes e encarcerados, sabia que havia quem precisasse de uma palavra de consolação e de esperança. Era isso que, na sua humildade, fazia «mover montanhas».

Mais do que as palavras, o que verdadeiramente deixou saudade foi aquilo que esta humildade foi operando ao longo dos surpreendentemente longos oitenta e nove anos de vida deste homem.

Só que nem a alegria nem a humildade teriam tido o peso que tiveram na vida do Padre Cruz se ele não fosse, como foi, um homem de uma fé tão firme que quase parecia «granítica» (Depoimento de D. João Evangelista de Lima Vidal, Arcebispo-Bispo de Aveiro, Porto, 1954).

O Santo Padre Cruz, uma vida de oração contínua, 2021,
Maria da Conceição Barreira de Sousa, pp. 23 a 27.

Peça na sua livraria ou para a Causa do Padre Cruz o livro “O Santo Padre Cruz - uma vida de oração contínua”, um novo olhar sobre a sua vida, carácter e apostolado, tão bem descritos pela sua sobrinha-bisneta, Maria da Conceição Barreira de Sousa.



Agradeço ao Padre Cruz por...

O meu filho mais velho anda um bocadinho melhor, esteve internado porque não conseguia dormir mas já dorme bem e está a trabalhar. Eu tive uma dor nas costas tão forte, mas graças a Deus e ao Padre Cruz aliviou. Mil vezes obrigada por tantas graças recebidas.

M. Lopes (Coimbra);

O meu filho teve um AVC. Fisicamente recuperou de imediato, no entanto precisa de ajuda para comunicar. Agradeço a ajuda do “Santo” Padre Cruz e peço que o meu filho recupere totalmente.

Maria Albina Nascimento (Setúbal);

Juntámos 4 familiares, filhos e netas e pedimos a intercessão do Padre Cruz na recuperação da nossa mãe/avó devido a grave problema de saúde. Ao longo da novena a minha mãe foi recuperando, saindo da zona de perigo.

Orlanda Leite (Caldas das Taipas);

A minha filha ficou bem em todas as perguntas da Universidade, como pedi ao meu grande amigo Padre Cruz.

Rosa Duarte Pires (Coimbra);

Todos os dias faço as minhas orações e novena ao Padre Cruz e ele tem-me ajudado e aos meus filhos. Um já está bom e eu, após rachar uma costela, aconselharam repouso, mas passados dias já fazia a minha vida. Aqui estou a agradecer.

Outra graça, a minha filha estava doente, com abcesso na boca. Rezei muito ela foi operada e 2 horas depois foi para casa.

Maria Céu Pinto (Gouveia);

Venho agradecer ao nosso Padre Cruz por me ter ouvido em minhas orações pela minha filha que recebeu boas notícias da mamografia que fez e por a minha filha ter ficado bem de uma infecção na vista. Obrigada querido Padre Cruz.

Maria Teresa Abreu (Coimbra);

Fiz uma novena ao Padre Cruz, pois tinha o meu irmão com uma grave infeção nos olhos e curou-se, estou muito grata.

Agradeço ao Rev. Padre Cruz graça concedida a José Aleixo por ter sido curado de uma doença grave.

Maria Ema e família (Lisboa);

Venho agradecer as muitas graças obtidas por intercessão do bondoso Padre Cruz, a quem recorro muitas vezes em situações preocupantes, de saúde e outras.

Alice Nunes (Napa, EUA);

Andava doente do estômago e intestinos, fiz exames e noutra situação, andava muito preocupada, com uns sintomas que me assustavam muito, fiz um TAC. Em ambos os casos, pedi com muita fé ao Santo Padre Cruz e estava tudo normal.

Agradeço também por eu e o meu marido termos sido ouvidos em relação às análises que o meu marido fez.

Maria Manuela Ribeiro (Midões);

Perante uma dificuldade séria em que me encontrava devido a um problema referente à venda do meu carro, invoquei a intercessão do nosso *santo* Padre Cruz. Poucas horas depois fui surpreendido com a informação de que a dificuldade estava solucionada.

Foi por demais evidente que só mesmo por Bondade de Deus Nosso Senhor o meu problema tinha sido resolvido após uma santa Intercessão do nosso *santo* Padre Cruz.

João A. P. Rodrigues Alves (Porto).





*Deram
Esmola e
Agradecem
Graças*

Elvira Costa Dias (Avanca); Maria Nazaré Oliveira Brito Portela (Tomar); Francisco Américo Pereira da Nôvoa (Porto); Maria da Graça Santos Custódio (Lourinhã); Maria da Piedade Lopes Silva Rocha (Vila Nova de Gaia); Maria Ercília Taveira Rendeiro (Vila Pouca de Aguiar); Conceição Maria Moreira (Fiães); Ester Tourais Fernandes (Vilar Formoso); Maria Azevedo Silva (Porto); Maria Cidalina Flores Coelho dos Santos (Águeda); Lucília Cartaxeiro Garrido (Vale do Paraíso); António Silva e Maria de Lourdes Lopes (Caxarias); Elisa Calmeira Gonçalves, Maria Amélia Oliveira Gonçalves (Retaxo); Maria Antónia Carvalho Sá Carneiro (Porto); Maria José Gomes Abrunhosa (Porto); Maria de Lurdes Inácio Arsénio

(Ericeira); Natália Aveiro Gomes (Cacia); Maria Morais Agostinho (Peso); José Manuel Cordeiro dos Santos (Abaças); Isabel Maria Almeida Cardoso (Viseu); José Eduardo Caldas Rego Machado (Senhora da Hora); Ludovina Rosa Meira Marmelo (Portalegre); Maria Luísa Silva (Terrugem); Maria Helena Ribeiro Lages Costa (Braga); Maria da Soledade Costa (Tabuaço); Mariana dos Santos Roque Araújo Ponte Sousa (Sousel); Cecília Canilhas Rijo Domingues (Portalegre); Jacinta de Jesus Barros Lucas Machado (Boidobra); Maria Luciana Vinagre Fonseca (Ovar); Maria de Lurdes Inácio Arsénio (Ericeira); Maria Ester Nunes de Pinto e Maria Filomena Silva Sousa (Válega); Maria Eugénia Marques Pereira (Vila

Nova de Gaia); Jacinta Jesus Lucas Machado (Covilhã); Maria Paula Brito Seródio (Porto); Maria Belmira Dias (Sertã); Maria de Fátima Fiúza (Sopo); Maria do Sameiro Ferreira Peixoto Cardoso (Vila Nova de Gaia); Maria da Glória Oliveira (Velas, Açores); Arminda Conceição Tomaz da Silva (Sintra); Maria Rosa Crisóstomo (Vila Flor); Maria Augusta Santos Ramos Silva (Ansião); Maria Lourdes Vale (Alhandra); Maria de Lourdes Valente, Augusta da Conceição Oliveira Magro e Maria Petisca (Salreu); Sandra Elisabete dos Santos Rodrigues (Castelo Branco); Maria Nunes (Lisboa); Maria Alina Ramos Santos Garcia (Porto); Maria Salomé Belchior Gago Marques (Santa Catarina Fonte do Bispo); Luísa Maria Francisco (Castanheira de Pera); Maria Lúcia Silva Arrais (Colares); Maria Alice Pimenta Gomes e Delfina Vellozo Fernandes (Mós); Maria de Lourdes Loureiro Alves (Matosinhos); Maria da Conceição Parreira Colaço; Maria Albina do Nascimento (Setúbal); Rosa da Conceição Santos (Vila Boa); Júlia Damião (Damaia); Maria Manuela Ferreira Roque Sousa (Lisboa); Celeste Ribas

Guedes (Ermesinde); Fernanda Maria Santos Martins da Silva (Figueira da Foz); Rosa Bento (Esmoriz); Maria Lopes (Coimbra); Teresa Sacchetti (Coventry, EUA); Maria Odete Nascimento Alves (Matosinhos); Maria Rosa Pires Guilherme (Amadora); Fernando Domingos Duarte Morais (Pedroso); Maria Cardoso (Santa Cruz das Flores, Açores); Maria Inês Meira de Matos (Barcelos); Alberto Ricardo (Santo Isidoro); Leonilde Simões (Tulare, EUA); Hermínio e Maria Simão (Hartford, EUA); Tília Faria Almeida (Porto); Edviges Silva Rilho (Pinhall Novo); Filomena Lima (Angra do Heroísmo, Açores); Maria do Céu Ferreira Vieira (Braga); Alice Crespo Barroca Borges (Lavacinhos); Maria de Lourdes Loureiro Alves (Matosinhos); Maria Albina Simões (Leiria); Ana Morão Vilela Ribeiro (Vila Franca de Xira); Eugénia Cotrim (Lisboa); Ilda Paiva Loureiro; Ana dos Santos Palhares Traça (Lisboa); Maria de Deus Lima Brum (Vila Franca do Campo, Açores); José Maria Pinto da Costa (Porto); Maria Lurdes Trindade Almeida, Tiago Manuel Mota Oliveira e Maria Manuela Trindade Silvestre (Alguber);



Maria Odete Vieira (Rio Tinto); Deolinda Sequeira (Lisboa); Maria Fátima Costa (Santo Tirso); Évila Páscoa Soares A(mora); Elisa da Silva (Valladolid, Espanha); Gina Maria e Teresa Maria Pereira Vital Gomes (Caldas da Rainha); Mariana Ferreira e Maria Alice Figueiredo Silva (Estarreja); Ana Rodrigues; Joaquina Arminda Correia Peixoto e filha (Barcelos); Maria Céu Pinto (Mós); Clemência Graça Almeida (Lisboa); Alice Nunes (Napa, EUA); Precília Conceição Catarino (Trevões); Maria Leonor Seixas (Torre de Moncorvo); Arminda da Conceição Tomaz da Silva (Sintra); Eugénia Augusta Silva Lopes-Carolina Augusta Valente Silva (Avanca); Ilda Augusta Fronteira Silva Agapito Aleixo (Arronches); Otilia da Ressurreição Afonso (Covelas); Dina Oliveira Rego; Maria Cândida Caixinha (Lagoa); Maria Pereira; Alberto Fontes (Torroze); Maria Gabriela Caiado (Porto); António Marques Lopes (Leiria); Fernanda Silva, António Maia, Isabel Lemos, Ermelinda Maia (Coimbra); Linda Rosa Couto (Penafiel); Aurora Ferreira (Coimbra); Maria de Lurdes Gama (Maçãs de Dona Maria).



Mandaram celebrar Missas pela Beatificação do Padre Cruz

José Mira (Hartford, EUA); Maria dos Anjos Oliveira Capelo (Mira); Rosa Salgueiro Pinto (Parada de Ester), Mavilde Graça Almeida (Lamego); Clemência Graça Almeida (Lisboa); Maria Inês Meira de Matos (Barcelos); Maria Helena Ribeiro Lages Costa (Braga); Manuel Pereira (Mangualde); Maria Carolina Lopes da Silva (Lisboa); Francisco Américo Pereira da Nóvoa (Porto); Maria José Gomes Abrunhosa (Porto); António Xavier Forte (Escudeiros); Jorge Manuel Fonseca Almeida (Coimbra); Maria de Lurdes Almeida Raposo Figueiredo (Bordinhos); Maria Lucília Santos Duarte Henrique (Torres Vedras).

Que é preciso para a Canonização do Padre Cruz?

A resposta é simples: que a Igreja, pelo seu Chefe Supremo, o Vigário de Cristo, dê o seu veredicto. Mas a Igreja não procede, nesta matéria, de ânimo leve. Por isso tem de ter a certeza de o servo de Deus ter praticado todas as virtudes em grau extraordinário.

Exige também um sinal do céu: o milagre, obtido por intercessão do Padre Cruz. exige até dois. O milagre é um facto religioso, isto é, supõe a oração ou intercessão de um justo unido intimamente a Deus; sensível, ou seja certificável pelos sentidos, e inexplicável pelas forças da natureza.

Não basta alguém declarar simplesmente que houve milagre, será preciso prová-lo. E isso faz-se com todo o rigor, por meio de um processo.

Constituído um tribunal pela autoridade da Igreja, são ouvidas as testemunhas e o «miraculado» deve ser minuciosamente examinado por um ou mais peritos, para saber se acura foi real e perfeita ou não.

DATAS PRINCIPAIS DA VIDA DO PADRE CRUZ E DO SEU PROCESSO DE CANONIZAÇÃO

Nascimento:	29-7-1859	Entrada na Companhia de Jesus:	3-12-1940
Estudos Secundários em Lisboa:	1868-1875	Morte em Lisboa:	1-10-1948
Universidade de Coimbra:	1875-1880	Início do Processo de Beatificação em Lisboa:	10-3-1951 a 26-6-1965
Ordenação Sacerdotal:	3-6-1882	Processo entregue à Santa Sé:	17-9-1965
Diretor do Colégio dos Órfãos - Braga:	1886-1894	Aprovação dos Escritos:	30-12-1971
Diretor Espiritual em S. Vicente de Fora:	1896-1903	Clausura do Processo Diocesano Supletivo em Lisboa:	17-12-2020



- NOVO LIVRO -

O SANTO PADRE CRUZ - uma vida de oração contínua

Maria da Conceição Barreira de Sousa

No tempo que vivemos, a lição do Padre Cruz é da máxima oportunidade. No atordoamento de informações e contrainformações, de expectativas e frustrações, de perguntas sobre tudo o que é essencial, de sobrevivências difíceis e futuros tão incertos, só a demonstração existencial do Evangelho pode abrir e alentar caminhos. D. Manuel Clemente.

1ª edição: 5 €



A VIDA DO PADRE CRUZ

Gonçalo Miller Guerra, S. J.

O Padre Francisco Cruz foi um dos sacerdotes portugueses mais populares do seu tempo. Esta breve biografia pretende reavivar a sua memória, hoje muito apagada, mesmo entre os católicos portugueses.

1ª edição: 5 €



ODISSEIA DE AMOR - Vida do "santo" Padre Cruz

Dário Pedroso, S. J.

Mais uma biografia do Padre Cruz? Sim, porque se trata de apresentar os momentos mais significativos da vida deste sacerdote exemplar, a quem o povo há muito «canonizou». Não, porque o Autor escolheu uma aproximação deveras original colocando o P. Cruz a falar com um jovem interlocutor imaginário, faz desta narrativa biográfica quase uma «autobiografia», na qual tudo resulta da «odisseia» do amor de Deus na vida do P. Cruz.

1ª edição: 7 €



O SANTO PADRE CRUZ

Maria Joana Mendes Leal

A vida do *Santo* Padre Cruz, obscura e gloriosa, apagada e empolgante, é dos testemunhos mais eloquentes dos nossos dias... 8ª edição: 11 €

Pedidos de livros: Secretariado da Causa do Padre Cruz,
na sua Livraria ou na Editorial A. O., R. S. Barnabé, 32, 4710-309 BRAGA

GRAÇAS DO PADRE CRUZ S. J.

REVISTA SEMESTRAL

Diretor: P. Dário Pedroso S.J.

Propriedade,:Causa de Beatificação e Canonização do Servo de Deus Padre Francisco da Cruz SJ
Sede de Edição e Sede de Redação: Rua da Madalena, 179 R/C * Apartado 2661 * 1117-001 LISBOA
Telef.: (+351) 218 860 921 * Email: causapadrecruz@padrecruz.org * Site: www.padrecruz.org

NIPC: 501121641

Tiragem: 1.300 exemplares

Impressão: Gráfica Almondina * Sede do Impressor: Progresso e Vida, Lda.

Zona Industrial * Rua da Gráfica Almondina * 2354-909 Torres Novas

Depósito Legal n.º 17.244188 - Registo na ERC n.º 127099

Distribuição Gratuita